

---

## *Homossexualismo no Egito Antigo*

*The homosexuality in ancient Egypt*

***Antonio Brancaglioni Junior*** \*

---

**Resumo:** Homossexualidade no mundo antigo ainda está muito associada aos gregos e romanos. A despeito das poucas evidências arqueológicas e textuais, é possível se ter uma ideia de como o homossexualismo era abordado no Egito faraônico. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é mostrar as principais evidências desse aspecto ainda pouco conhecido da cultura egípcia antiga.

**Abstract:** The homosexuality in the Ancient World is still nowadays more associated with the Greeks and the Romans. Despite the lack of archaeological and textual evidences, it is possible to have an idea of how the homosexuality was approached in the Pharaonic Egypt. In this sense, the aim of this paper is to show the main evidences of this aspect not so well known in the ancient Egyptian culture.

**Palavras-chave:** Egito antigo; homossexualidade; Egiptologia.

**Keywords:** Ancient Egypt; homosexuality; Egyptology.

---

O homossexualismo, ou homoerotismo,<sup>2</sup> são construções modernas que remontam ao século XIX, colocadas como categorias opostas ao heterossexualismo. Quando pensamos na homossexualidade no mundo antigo, somos imediatamente levados a pensar nos gregos e romanos, mas jamais nos egípcios antigos.

Para muitos, dentro e fora da egiptologia, “os egípcios foram mais castos que qualquer outro povo”. (BRUNNER-TRAUT, 1974, p. 79). Se para os primeiros estudiosos era impensável a existência de um erotismo no Egito faraônico, a homossexualidade era um tema impensável.<sup>3</sup>

---

\* Doutor em Antropologia Social, área de Arqueologia pela USP. Pós-Doutorado pelo *Institut Français D'Archéologie Oriental* – Cairo Egito. Professor no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia no Museu Nacional da UFRJ. Curador da Coleção Egípcia do Museu Nacional. *E-mail:* inpw@yahoo.com

Por outro lado, existe certa aceitação que o homoerotismo (masculino/feminino) esteja presente em todas as sociedades, sejam elas modernas, sejam elas antigas. Assim sendo, as dificuldades encontradas no estudo do homossexualismo no Egito antigo são:

- a escassez de documentação para determinados meios sociais. Como as evidências materiais e textuais são mais numerosas para as elites, também as referências sobre o homossexualismo estão todas ligadas a pessoas de *status* elevado, enquanto que para os menos favorecidos as informações são inexistentes;
- a proximidade com as culturas grega e romana, em termos relativos, já que os egípcios são mais antigos e não tão próximos culturalmente, causa certa “contaminação” interpretativa. É fácil se deixar levar pela ideia de uma cultura mediterrânea na qual os egípcios estariam mais ligados ao mundo greco-romano do que aos mundos oriental e africano.
- Por último, a própria definição de homossexualidade ou homoerotismo. Como os egípcios não tinham uma palavra que definisse com precisão as relações sexuais entre indivíduos do mesmo sexo, somos obrigados a usar um termo moderno, provocando uma interferência de nossos valores e interpretações, muitas vezes conflitantes.

Para uma sociedade com cerca de 3 mil anos de existência, são poucas as fontes<sup>4</sup> que fazem referência ao homossexualismo, podendo ser divididas em três grupos:

- *divinas*, ligadas a mitos e ao mundo dos mortos;
- *reais*, literárias, ligadas aos reis;
- *não reais*, ou particulares, imagens e textos, ligados a pessoas da elite.

### Fontes divinas

No campo mítico-religioso, as fontes são mais numerosas e, em alguns casos, mais explícitas. Referências a relações sexuais no mundo divino são muito raras, sendo descritas de forma metafísica, ligadas ao momento primordial do início dos tempos ou a uma maneira de descrever a

complementaridade entre uma divindade masculina e outra feminina. A mais conhecida referência ao homossexualismo nos mitos egípcios está ligada ao episódio denominado de “Grande Contenda”, que faz parte do mito no qual o deus Hórus disputa com seu tio Seth o trono de Osíris.<sup>5</sup> O texto descreve como Hórus é convencido a dormir junto com Seth, que, durante a noite, “endurece seu membro e o coloca por entre as coxas de Hórus”.<sup>6</sup>

Outra passagem mitológica relacionada ao homossexualismo de Seth e Hórus é mais antiga e está no Papiro Kahun.<sup>7</sup> Nele há uma passagem onde Seth diz a Hórus: “Como suas nádegas são lindas.” (GRIFFITH, 1898, p. 3, VI, 12).

No caso do *Papiro Chester Beatty I*, a homossexualidade não se dá pelo desejo sexual, mas pelo exercício do poder de subjugar o seu adversário; já no *Papiro Kahun*, são os atrativos de Hórus que são destacados.

Esta utilização do sexo como demonstração de poder sobre seu inimigo fica clara na sequência dos acontecimentos narrados no *Papiro Chester Beatty I*.<sup>8</sup> Ísis, mãe de Hórus, masturba seu filho recolhendo seu sêmen que, em seguida, é passado sobre a alface<sup>9</sup> que é comida por Seth.

Outro texto que faz referência a essa passagem mitológica está no Templo de Edfu,<sup>10</sup> onde, junto a uma cena de oferendas ao deus Min, está escrito: “Deixe o seu sêmen penetrar no corpo do (seu) inimigo, que ele engravide de um filho seu.”

Em uma sociedade onde os papéis sexuais eram bem-definidos e estavam relacionados a uma ordem cósmica (Maat), onde o equilíbrio social estava ligado à manutenção do próprio cosmos, um homem que tivesse em seu corpo o sêmen de outro seria uma ameaça e um inimigo da ordem divina. Nessas passagens mitológicas, a homossexualidade nada tem a ver com a *opção sexual* do deus, mas é usada como uma forma de mostrar que Seth está em desarmonia com Maat e, portanto, não pode herdar o trono do Egito.

Para os egípcios antigos, o *outro mundo* é um local onde habitam deuses e mortos. Lá os prazeres da vida terrena se perpetuam; em sendo assim, a atividade sexual é parte do mundo dos mortos, como podemos encontrar nos textos funerários a partir dos chamados “Textos dos Caixões”,<sup>11</sup> cuja fórmula 635 é: “Atum não tem poder sobre (nome do morto), ele copulou com seu ânus.” Essa passagem é para alguns uma referência da prática homossexual (PARRA, 2006, p. 164); para outros, seria uma demonstração de poder pela imposição da sodomia, não necessariamente, em uma relação entre dois homens.<sup>12</sup>

Outra passagem, cujo significado nos é desconhecido, aparece na fórmula 700: “Seu falo está entre as nádegas de seu filho, seu herdeiro.”<sup>13</sup>

No entanto, é no famoso *Livro dos mortos*, que encontramos a referência mais explícita ao homossexualismo nos textos funerários.

No capítulo 125, na chamada *Confissão Negativa*, o morto nega diante do Tribunal Divino ter cometido uma das 42 ações condenáveis que impediriam o seu pós-vida.

Embora a sua posição no texto varie conforme o manuscrito, com frequência encontramos na 21ª a falta da seguinte fala do morto:

“*Não forniquei com um sodomita,*” traduzida também como: “*Não pratiquei homossexualismo*”. (ALLEN, 1974, p. 27, 98), ou ainda, “*Eu não fui pederasta.*” (BARGUET, 1967, p. 159).

Essas diferenças, na tradução, são causadas pela palavra *nkk*, que pode ser interpretada como sendo a forma de designar um homem (ou jovem) que pratica sexo anal.

Ela aparece como uma falta grave negada pelo morto, junto com outra sempre presente na *Confissão Negativa*: “Não forniquei com a mulher de outro homem.”

Portanto, para os egípcios, pelo menos do ponto de vista formal, havia uma ligação entre a prática sexual durante a vida e a existência póstuma, já que a condenação pelo Tribunal Divino (presidido por Osíris) significava o fim da existência para o morto.

## Fontes reais

A realeza divina atingiu a sua expressão mais absoluta na figura do faraó (FRAZER, 1920, p. 163), contudo a imagem deste reidivino varia conforme o tempo e de acordo com as fontes. Na literatura, os egípcios falavam de seus reis não como seres divinos infalíveis, mas destacavam seus aspectos mais humanos. (POSENER, 1960).

Um dos contos que chegou até nós de forma fragmentada,<sup>14</sup> fala de um rei chamado Neferkare, provavelmente o faraó Pepi II,<sup>15</sup> que mantinha um relacionamento íntimo com um general chamado Sasenet, e seu estilo é muito semelhante ao de outras composições destinadas à elite do médio império interessada na vida de pessoas ilustres do passado. (BRANCAGLION; FACURI, 2010, p. 113-161).

O general, que repetidas vezes no conto é dito não ter uma esposa, recebia à noite a visita do faraó, que ia sozinho para sua casa. O faraó fazia um sinal combinado para que uma escada fosse baixada pelo muro para que ele pudesse entrar.

“Depois que sua majestade tivesse feito tudo o que desejasse com ele, voltava ao palácio” (POSENER, 1957, p. 124) pouco antes do amanhecer. Essas visitas se repetiram por várias noites.

A expressão “fazer tudo o que desejava” aparece nas teogâmias como as encontradas nos templos de Deir el-Bahari e Luxor.

Em Deir el-Bahari está escrito: “A majestade deste deus (Amun) fez com ela (a rainha) tudo o que tinha desejado.” (HELCK, 1992, p. 221, 9-222, 4), assim podemos entender que o rei assumia o papel ativo na relação, e que ele, ao procurar Saset, demonstra um maior desejo sexual a ponto de arriscar-se a ser visto pelas ruas fora do palácio.

Esse conto é entendido por alguns como uma forma de atacar a memória do faraó Pepi II, como ocorreu com outros faraós, principalmente durante a baixa época. Poderia também ser uma forma de ilustrar os defeitos da classe governante e da moral decadente da época. (POSENER, 1957).

Uma possível referência à homossexualidade na realeza diz respeito ao faraó Amenhotep II.<sup>16</sup> Em sua estela, colocada na Grande Esfinge de Giza, está escrito: “Ele despreza a sede do corpo”, o que significa que ele não demonstrava interesse pelo sexo feminino. Além disso, não é conhecida nenhuma “grande esposa real” associada a ele; em alguns monumentos, sua mãe desempenha o papel de “esposa real”. (VANDERSLEYEN, 1995, p. 340). Sua grande proximidade com um oficial da Corte chamado Usersatet (DELANGE, 2001, p. 88, n. 24) sempre despertou especulações quanto à sexualidade desse faraó.

### Fontes não reais

Aqueles que não fazem referência ao mundo divino nem à realeza são menos numerosos, mas bastante significativos.

Uma das mais antigas fontes relacionadas com o homossexualismo no Egito antigo encontra-se nas “Máximas de Ptah-hotep”.<sup>17</sup>

Por *máximas* costuma-se designar um gênero literário cuja finalidade era transmitir normas de conduta moral, valores éticos e boas maneiras de uma geração a outra, são também chamadas de *instruções* ou *ensinamentos*.

A julgar pelas cópias que sobreviveram ao tempo, esses ensinamentos deveriam ter sido muito populares, utilizados nas escolas de escribas; eram usadas nas lições de cópia e ditado, ao mesmo tempo que transmitiam os valores da elite para os jovens aprendizes.<sup>18</sup>

A *máxima* que nos interessa nessa questão foi catalogada como a de número 32; nela temos:

“Não tenha relações sexuais com um efebo.” (VERNUS, 2010, p. 38). A dúvida recai sobre a palavra *hemet-khered*, literalmente “mulher-criança”, que pode ser interpretada de maneiras muito diferentes: desde uma menina muito jovem. (GOEDICKE, 1967, p. 100; ZABA, 1956), um garoto efeminado (SIMPSON, 2003, p. 143), até um travesti. (SIMPSON, 2003, p. 38).

Curiosamente, essa máxima não causa somente dificuldades de tradução, mas também de caráter moral por parte de alguns egiptólogos que preferem omitir essa passagem de suas traduções. (LICHTHEIM, 1973, p. 72).

O certo é que o sufixo utilizado é masculino, o que indicaria que a palavra está se referindo a um indivíduo do sexo masculino. O que leva a supor tratar-se de uma relação homossexual mesmo que o significado exato da palavra não possa ser compreendido com precisão.<sup>19</sup>

Esse ensinamento não seria uma crítica ou uma condenação à prática homossexual, mas uma advertência a um comportamento antissocial, assim como o adultério.

Finalmente, a mais discutida fonte sobre o homossexualismo no Egito antigo está em uma tumba datada da V Dinastia, localizada na extremidade sudeste do recinto da pirâmide de Djoser, na Necrópole de Saqqara.<sup>20</sup>

Essa tumba foi feita para dois homens e suas famílias, Niankhkhnum e Khnumhotep, e ambos tinham o título de *Supervisor dos Manicures do Palácio*. A grande originalidade dessa tumba é o fato de esses homens serem representados em poses que, convencionalmente, são exclusivas de casais. Na arte egípcia, o sentimento conjugal é expresso por abraços e a posição das mãos e do corpo praticada pela mulher em seu marido. (CHERPION, 1995, p. 34-45).

Ambos possuem esposas e filhos, que estão representados na tumba em escala menor e com posições secundárias. Os gestos afetivos são feitos entre os homens. Niankhkhnum ocupa o papel masculino, enquanto Khnumhotep, o feminino, abraçando ou sendo conduzido pela mão por

Niankhkhnnum. Nas cenas no pilar central da antecâmara e da sala de oferendas, os rostos estão tão próximos que as pontas dos narizes chegam a se tocar.<sup>21</sup>

Todos os especialistas admitem a originalidade de tamanha intimidade manifestada por esses homens, em um monumento cuja função, entre outras, era perpetuar as suas relações para toda a eternidade. A questão é saber se esse sentimento pode ser considerado a expressão de uma relação homossexual (REEDER, 2000), ou outra forma de afeição que unia esses homens.<sup>22</sup>

As evidências sobre o homoerotismo masculino no Egito antigo são poucas e, em alguns casos, de difícil interpretação; quanto ao lesbianismo, elas são praticamente inexistentes.

A fonte mais confiável está no *Manual de interpretação de sonhos*, escrito em demótico, datado da baixa época. Nele está escrito: “Quando sonhar com sua mulher fazendo sexo com outra mulher é um mau presságio.” (VOLTEN, 1942, b 2, 33).

Embora seja interpretado como um mau sinal, é possível que a relação homossexual entre duas mulheres não fosse considerada negativa, pois não há a penetração de um pênis que poderia significar uma submissão.

Segundo um manuscrito do período romano, na cidade de Hermópolis, vivia uma mulher chamada Sofia que era atormentada por desejos incontroláveis por uma jovem chamada Gorgonia. Esse desejo era provocado por um ser sobrenatural (*daemon*). (MONTERRAT, 1996, p. 158).

Para o Egito do período romano temos outras fontes sobre os homoerotismos masculino e feminino, mas estão mais relacionados à cultura e aos costumes romanos que aos egípcios.

Podemos concluir que, em algumas sociedades antigas, como a ateniense, o homossexualismo era uma prática socialmente aceita entre dois homens. Um mais velho (ativo) com outro mais jovem (passivo) geralmente praticado antes do casamento e aceito como uma parte da formação do mais jovem.

Não sabemos quando essa prática teve início na Grécia, mas, no início do VI séc. a.C., ela já era praticada. Em Roma os homens casados poderiam ter relações com seus escravos, e a pederastia era mais aceita que o adultério. Para os romanos, o ativo na relação não era considerado homossexual, mas o passivo, feminizado, (HUBBARD, 2003).

No Egito antigo, a relação sexual entre dois homens nunca recebeu reconhecimento formal e institucional. A exigência social do casamento e da constituição de uma família vinha em primeiro lugar.

As exigências sociais se imporiam à vontade do indivíduo. Isso pode ser visto, por exemplo, nas tumbas tebanas do novo império; das 93 tumbas conhecidas atualmente, somente em três os proprietários não eram casados.

No Egito, a homossexualidade era vista como inconveniente pela sua esterilidade. No caso da sodomia, o que se percebe nas fontes egípcias é a humilhação pela passividade e a dominação pelo coito anal, imposta aos inimigos.<sup>23</sup> A palavra *hemiu* tinha ao mesmo tempo o sentido de *afeminado* e *inimigo*.<sup>24</sup> Essas mesmas palavras são empregadas com frequência ao se referirem ao deus Seth (PARKINSON, 1985, p. 66), que, como vimos no mito da “Grande Contenda”, está ligado à sodomia. Não por acaso esse mesmo deus é apresentado nos mitos como sendo estéril e o antagonista de Osíris, deus da fertilidade e regeneração.

Na visão egípcia da vida, a interação entre masculino (homens) e feminino (mulheres), estabelecia a força regeneradora do universo, enquanto a homossexualidade era vista como a negação desse poder de dar vida, portanto, era considerada um desperdício de sêmen e insatisfatória por ser improdutiva.

## Notas

---

- <sup>1</sup> Este artigo é o resultado de uma das aulas ministradas na disciplina “Arqueologia do nascimento. A reprodução humana no antigo Egito”, do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional/UFRJ.
- <sup>2</sup> *Homoerotismo* é o termo mais adequado quando tratamos da atração erótica entre indivíduos do mesmo sexo, nas artes visuais e na literatura, como os exemplos que serão tratados.
- <sup>3</sup> Champollion, em 1830, chamou o papiro erótico de Turim de “monstruosa obscenidade” que não era digno dos egípcios antigos. (JANAÁK; NAVRÁLILOVÁ, 2008, p. 63-70).
- <sup>4</sup> Para uma lista completa com 22 fontes sobre o homossexualismo no Egito antigo. (ALTENMÜLLER; KLOTH, 2007).
- <sup>5</sup> *Papiro Chester Beatty I*, no *British Museum* 10681, datado do Reinado de Ramsés V, cerca de 1145 a.C.
- <sup>6</sup> *Papiro Chester Beatty I*, 11,1-11,4. (BROZE, 1996, p. 91).
- <sup>7</sup> Datado do médio império, cerca de 1994 a.C.
- <sup>8</sup> Papiro Chester Beatty I, 11,5-12,1. (BROZE, 1996, p. 91-94).
- <sup>9</sup> A seiva da alface estava associada (por semelhança) ao sêmen. (BROZE, 1996, p. 94 e nota 215).
- <sup>10</sup> Templo do alto Egito dedicado a Hórus, datado do período greco-romano.
- <sup>11</sup> Aproximadamente 1.185 fórmulas distribuídas de forma variada em cerca de duzentos caixões datados entre 2130 e 1650 a.C.
- <sup>12</sup> Em alguns caixões onde essa fórmula aparece, o pronome está no feminino. (BARGUET, 1986, p. 607-608).
- <sup>13</sup> Para Meeks e Favard-Meeks (1995, p. 95), seria uma passagem iniciática referente à união dos deuses Geb e Shu.
- <sup>14</sup> Escrito em hierático em duas tábuas de copista e o Papiro Louvre E 25351, datados da XIX e XXV Dinastias.
- <sup>15</sup> Quinto faraó da VI Dinastia, cerca de 2212-2118 a.C.
- <sup>16</sup> Sétimo rei da XVIII Dinastia, cerca de 1424 a 1398 a.C.
- <sup>17</sup> Ptah-hotep foi vizir do faraó Isesi da V Dinastia cerca de 2340 a.C.
- <sup>18</sup> São conhecidos quatro papiros, dois do médio império, dois do novo império; uma tábua de copista do período hicsó e pelo menos quatro óstracos do período ramessida. (VERNUS, 2010, p. 98).
- <sup>19</sup> Sobre as dúvidas quanto ao sentido exato desta máxima. (GOEDICKE, 1967, p. 101; PARKINSON, 1985, p. 68).
- <sup>20</sup> Datada do reinado de Niuserrê, cerca de 2460-2430 a.C. Descoberta em 1964. (MOUSSA, 1977).
- <sup>21</sup> Fotos da tumba, descrição das cenas e a tradução dos textos. Disponível em: <[http://www.osirisnet.net/mastabas/niankhkhnum\\_khnumhotep/niankhkhnum\\_khnumhotep\\_01.htm](http://www.osirisnet.net/mastabas/niankhkhnum_khnumhotep/niankhkhnum_khnumhotep_01.htm)>. Acesso em: 29 jan. 2012.
- <sup>22</sup> Especula-se que poderiam ser irmãos gêmeos. (BAINES, 1985). Sobre as hipóteses a respeito destas cenas. (REEDER, 2008).
- <sup>23</sup> Em egípcio antigo, a palavra *covarde* (*hem*) tem como determinativo um falo ejaculando.
- <sup>24</sup> Literalmente “dar as costas”. (ERMAN, 1935, p. 80, 87).

## Referências

---

- ALLEN, T. G. *The book of the dead or going forth by day: ideas of the Ancient Egyptians concerning the hereafter as expressed in their own terms*. Chicago: The University of Chicago Press, 1974.
- ALTENMÜLLER, H. H.; KLOTH, N. Homosexualität in Alten Ägypten. *Studien Zur Altägyptischen Kultur*. Hamburg, v. 36, p. 297-331, 2007.
- BAINES, J. Egyptian twins. *Orientalia*, Rome, v. 54, p. 461-482, 1985.
- BARGUET, P. *Le livre des morts des anciens égyptiens: introduction, traduction et commentaire*. Paris: Cerf, 1967.
- BARGUET, P. *Les textes des sarcophages égyptiens du moyen empire: introduction et traduction*. Paris: Cerf, 1986.
- BROZE, M. *Mythe et roman en Égypte ancienne: les aventures d'Horus et Seth dans le Papyrus Chester Beatty I*. Leuven: Peeters, 1996.
- BRANCAGLION, A.; FACURI, C. Os contos do Papiro Westcar: Papiro Berlim 3033. *Tiraz*, v. 7, p. 113-161, 2010.
- BRUNNER-TRAUT, E. *Die Alten Ägypter: Verborgenes Leben unter Pharaonen*. Stuttgart/Berlin: W. Kohlhammer, 1974.
- CHERPION, N. Sentiment conjugal et figuration à l'ancien empire. In: SYMPOSIUM IM DEUTSCHEN ARCHÄOLOGISCHEN INSTITUT, 1991, Kairo. *Kunst des Alten Reiches: Symposium im Deutschen Archäologischen Institut, Kairo, Oktober 1991*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1995. p. 34-45.
- DELANGE, E. *Egito faraônico: terra dos deuses*. São Paulo: Fundação Casa França-Brasil; Masp; Paris Musée du Louvre, 2001. p. 88, n. 24.
- DÉVAUD, E. *Les maximes de Ptahhotep d'après le Papyrus Prisse, le Papyrus 10371/10435 et 10509 au British Museum et la Tablette Carnarvon*. Fribourg: [s. n.], 1916.
- ERMAN, A.; GRAPOW, H. *Wörterbuch der Aegyptischen Sprache: Die Belegstellen*. III Bände. Berlin: Akademie, 1935. p. 80,7.
- FRAZER, J. G. *Les origines magiques de la royauté*. Paris: P. Geuthner, 1920.
- GOEDICKE, H. Unrecognized sportings. *Journal of the American Research Center in Egypt*, v. 6, p. 97-102, 1967.
- GRIFFITH, F. L. *Hieratic Papyri from Kabun and Gurob (principally of the Middle Kingdom): text and plates*. London: B. Quaritch, 1898.
- GRIFFITHS, J. G. *The conflict of Horus and Seth: from Egyptian and classical Sources: a study in ancient mythology*. Liverpool: Liverpool University Press, 1960.
- HELCK, H. W. *Urkunden der 18. Dynastie*, Heft 20 Fascicle IV: Warminster Aris & Philipps, 1992. p. 221, 9-222, 4.
- HUBBARD, T. K. (Ed.) *Homosexuality in Greece and Rome: a source book of basic documents*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 2003.
- JANAÁK, J.; NAVRÁTILOVÁ, H. People vs. P. Turin 55001. In: GRAVES-BROWN, C. *Sex and gender in ancient Egypt: 'don your wig for a joyful hour'*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2008. p. 63-70.

- JANSSEN, J. J. Two egyptian commandments. In: KAMSTRA, J. H. et al. (Eds.). *Funerary symbols and religion: essays dedicated to professor M. S. H. G. Heerma van Voss*. Amsterdam: Kok, 1988. p. 52-59.
- LICHTHEIM, M. *Ancient Egyptian literature: a book of readings. the old and middle kingdoms*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1973. p. 72. v. 1.
- MANNICHE, L. *Sexual life in ancient Egypt*. London; New York: K. P. International, 1987.
- MEEKS, D.; FAVARD-MEEKS, C. *Les dieux égyptiens*. Paris: Hachette, 1995.
- MONTERRAT, D. *Sex and society in Graeco-Roman Egypt*. London; New York: K. P. International, 1996.
- MOUSSA, A. M. *Das Grab des Nianchchnum und Chnumhotep*. Mainz am Rhein: Philipp von Zabern, 1977.
- PARKINSON, R. B. Homosexual desire and middle kingdom literature. *The Journal of Egyptian Archaeology*, v. 81, p. 57-76, 1985.
- PARRA, J. M. *Le sexe au temps des pharaons*. Bordeaux: Culture Suds, 2006.
- POSENER, G. *De la divinité du pharaon*. Paris: Imprimerie Nationale, 1960.
- POSENER, G. Le conte de Neferkarê et du general Sisenet. *Revue d'Égyptologie*, v. 11, p. 119-137, 1957.
- REEDER, G. Same-sex desire, conjugal constructs, and the tombo f Niankhkhnun and Khnumhotep. *World Archaeology*, v. 32, n. 2, p. 193-208, 2000.
- REEDER, G. Queer egyptologies of Niankhthnum and Khnumhotep. In: GRAVES-BROWN, Carolyn. *Sex and gender in ancient Egypt: don your wig for a joyful hour*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2008. p. 143-155.
- SIMPSON, W. K. *The literature of ancient Egypt: an anthology of stories, instructions, stelae, autobiographies, and poetry*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2003. p. 143.
- VAN DIJK, J. The nocturnal wanderings of king Neferkare. In: BERGER, C. et al. (Eds.). *Hommages à Jean Leclant*. Varia. Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1994. p. 387-393. v. 4.
- VANDERSLEYEN, C. *L'Égypte et la vallée du Ni: de la fin de l'ancien empire à la fin du nouvel empire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995. p. 340. t. II.
- VERNUS, P. *Sagesses de l'Égypte pharaonique*. Arles: Actes Sud, 2010.
- VOLTEN, A. *Demotische Traumdeutung* (Pap. Carlsberg XIII und XIV verso). Copenhagen: E. Munksgaard, 1942, b2, 33.
- WESTENDOR, W. Homosexualität. *Lexikon der Ägyptologie*. v. II, col. 1273, 1992.
- ZABA, Z. *Les maximes de Ptahhotep*. Prague: Académie Tchécoslovaque des Sciences, 1956.

